

Victor Stawiarski e a Educação Sexual no Museu Nacional (1940-1970): entre demissões e silenciamentos, o sucesso de público

Andréa F. Costa¹
Guaracira Gouvêa²

Resumo: Cursos e aulas de Educação Sexual foram promovidos pelo professor Victor Stawiarski (1903-1979), no Museu Nacional, entre os anos de 1940 e 1970. Apesar dos mesmos contarem com grande afluência, público bastante diversificado e terem obtido boa repercussão junto à imprensa, não existe produção acadêmica sobre as mesmas. No sentido de produzir conhecimento acerca da trajetória do referido educador, com ênfase nas ações por ele coordenadas no sentido de promover a educação sexual no Museu Nacional, realizamos um estudo de natureza bibliográfico-documental, na perspectiva da História Cultural, tendo como fontes artigos de periódicos, relatórios institucionais e trabalhos acadêmicos. Entre demissões de escolas privadas e alguns percalços, Stawiarski encontrou no Museu Nacional espaço com maior autonomia para implementar a educação sexual. Sua invisibilidade aponta para a urgência de se promover mais pesquisas no campo da Educação tendo o museu como tema.

Palavras chave: História da Educação Sexual, Victor Stawiarski, Museu Nacional, Educação Museal

1 Doutoranda em Educação no PPGEdU/UNIRIO, educadora museal na Seção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional/UFRJ e Professora do Departamento de Estudos e Processos Museológicos e da Escola de Museologia da UNIRIO, andrea@mn.ufrj.br

2 Doutora em Educação Gestão e Difusão em Biociências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000) com pós-doutorado em Educação pela Universidade Autônoma de Barcelona (2006), é professora titular da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição e pesquisadora credenciada-docente colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro, guaracirag@uol.com.br

O Museu Nacional e a História da Educação Sexual no Brasil

Em 2020 o Governo Federal lançou a campanha “Tudo tem seu tempo: adolescência primeiro, gravidez depois”, voltada à prevenção de gravidez na adolescência. O título parece se inspirar em passagem do livro *Eclesiastes*, Antigo Testamento: “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu.” Vemos, assim, a abstinência sexual no lugar da educação sexual ser usada para embasar política pública no Brasil.

Em pesquisa quem tem como foco investigar a atuação do Museu Nacional (MN) na área da educação popular, nos deparamos com a trajetória de Victor Stawiarski, que se destaca pela concepção e implementação de aulas e curso sobre Educação Sexual, iniciado em 1945. Sua trajetória foi marcada por demissões de escolas privadas decorrentes de seu trabalho com educação sexual e pelo sucesso de público no MN, mas não sem alguns percalços.

Apesar de Victor Stawiarski figurar entre os precursores da Educação Sexual no Brasil, não identificamos qualquer trabalho acadêmico que investigue sua atuação na área. Realizamos um estudo de natureza bibliográfico-documental, na perspectiva da história Cultural (GOMES, HANSEN, 2016), tendo como fontes para a pesquisa, artigos de periódicos, associados à relatórios institucionais e trabalhos acadêmicos, com o objetivo de produzir conhecimento acerca da trajetória do referido educador, com ênfase nas iniciativas por ele coordenadas no sentido de promover a educação sexual no contexto museal, especificamente no Museu Nacional.

Victor Stawiarski (1903-1979) e sua trajetória como educador sexual

Victor Stawiarski nasceu em 1903, em Orleans, Santa Catarina. Se graduou em engenharia e, no ano de 1928, ingressou no mestrado em Biologia no Peabody College. Stawiarski não sabia que essa universidade, na cidade de Nashville (Tennessee, Estados Unidos), era naquele momento “o centro de um debate que dividia o país” (EDUCAÇÃO..., 1972).

Em 1925, John T. Scopes (1900-1970), professor de uma escola pública de ensino médio da cidade de Dayton (Tennessee) foi preso e julgado sob a acusação de ter violado a Lei Butler, lei estadual que proibia o ensino da evolução nas escolas. De acordo com Ashworth (2017), Scopes, que teria somente usado um livro que discutia o evolucionismo, foi consultado por um grupo de pais de alunos acerca da possibilidade de ser preso e julgado por

violar a referida lei, com o que concordou. O autor sinaliza que, por parte de lideranças locais, havia a expectativa de que o julgamento colocasse Dayton em evidência, o que ocorreu. Considerado culpado, Scopes foi multado em US\$ 100. No entanto, contrariando a expectativa de que o professor seria condenado para que se pudesse apelar e colocar a Lei Butler em julgamento, a condenação foi anulada por um tribunal superior e o caso não mais voltou a ser julgado. Somente em 1967 a Lei Butler seria revogada (ASHWORTH, 2017). É bem provável que a formação de Stawiarski tenha sido marcada pelos debates fomentados pelo que ficou popularmente conhecido como o “Julgamento do Macaco”.

A Stawiarski é atribuída a primazia na implementação de experiências de educação sexual no currículo escolar no Brasil (FIGUEIRÓ, 1998; PEREIRA, 2014). O mesmo implementou uma proposta de ensino da evolução das espécies e da educação sexual no Colégio Batista, onde lecionou por mais de duas décadas. Após convencer o diretor da instituição, o tema sexualidade foi incluído no currículo do colégio em 1930. Inicialmente “as aulas limitavam-se a examinar o papel da mulher na reprodução e algumas advertências sobre o comportamento sexual dentro de uma linha de prudência e austeridade” e, a partir de 1935, a pedido das alunas do Colégio Bennett, foi “introduzido o exame do comportamento sexual masculino.” (EDUCAÇÃO..., 1972). Antes dos anos de 1960, foram as escolas protestantes e outras sem vinculação religiosa que acolheram experiências de educação sexual no Brasil (FIGUEIRÓ, 1998).

O professor enfrentaria dificuldades e uma batalha judicial devido à promoção da educação sexual em escolas. Segundo Fiorini (2016 apud BARROSO; BRUSCHINI, 1982), apesar de os conteúdos ministrados no Colégio Batista visarem a advertir condutas sexuais, numa perspectiva de cuidado e rigor, a instituição moveu contra ele ação na Justiça do Trabalho, alegando que o mesmo adotara comportamento imoral em suas aulas. O processo durou dois anos e levou em 1954 à sua condenação e demissão, sem direito à indenização. Ele já havia sido demitido do Colégio Bennett nos anos de 1940, após o empréstimo de um livro à uma aluna (EDUCAÇÃO ..., 1972). O título emprestado fora “*A Educação dos Pais*”, do neurologista alemão Wilhelm Stekel, um dos importantes seguidores de Freud. Assim, Stawiarski, que se autodenominou “um batista recalcado sexualmente” (EDUCAÇÃO..., 1972), foi demitido de duas escolas protestantes.

Stawiarski chegou ao MN em 1943 por indicação de Paschoal Lemme, chefe da Seção de Extensão Cultural (SEC). Criada em 1941, na gestão Heloísa Alberto Torres (1937-1955), a SEC incorpora o Serviço de Assistência ao

Ensino, primeiro setor educativo de um museu brasileiro (1927), e reúne os serviços de publicação e de exposição, tendo como alguns de seus compromissos organizar e distribuir publicações do MN, assim como as exposições e os respectivos guias, orientar o público em visita às exposições, em dias e horas previamente anunciados; prestar informações às pessoas interessadas em ciências naturais e antropológicas; dentre outros. De acordo com Lemme, a transferência do técnico de educação, que atuava como professor de ciências naturais do Instituto de Educação, teve como finalidade desenvolver os contatos da SEC com o magistério secundário. Stawiarski teve a ideia de dar cursos para professores e, a partir disso, surgiu a Revista do Museu Nacional.

A Revista, organizada em 1944 e 1945, foi distribuída nacionalmente para estabelecimentos de ensino secundário, grupos escolares, instituições e professores. Nos cinco números publicados, Stawiarski assina a coluna "Das estantes do Museu Nacional", por meio da qual recomendou vários livros, quase todos estadunidenses e muitos relacionados ao Ensino de Ciências e à Divulgação Científica. No número 3 (1945), apresenta o livro *"Science in General Education: Suggestions for Science Teachers in Secondary Schools and in the Lower Division of Colleges; Report of the Committee on the Function of Science in General Education, Commission On Secondary School Curriculum"* (1938), que tem uma parte dedicada ao estudo do "adolescente, especialmente do seu ajustamento à vida social", por meio da qual aborda o estudo da educação sexual. Stawiarski afirma tratar-se do "que de melhor conhecemos" e recomenda sua leitura a todos os interessados em conhecer a "maneira moderna" por meio da qual as escolas estadunidenses abordam o assunto (STAWIARSKI, 1945, p. 32). No mesmo ano em que cita o livro em sua coluna, 1945, Stawiarski dá início ao Curso de Educação Sexual no Museu Nacional, o que nos leva a crer que o tenha utilizado como referência para tal iniciativa.

Em 1947, Stawiarski assume a SEC com a ida de Lemme o Instituto Nacional do Cinema Educativo. Em 1954, foi o único representante do Brasil no Seminário Internacional da Unesco sobre a Função Educativa do Museu, realizado em Atenas, e naquela década já formava equipes de monitores voluntários no MN. É um dos signatários do Manifesto dos Educadores Mais Uma Vez Convocados (1959), que reitera a defesa da escola pública, laica, obrigatória e gratuita feita pelo Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) e vai de encontro ao discurso da "liberdade de ensino" defendido pela Igreja Católica em prol da atuação da rede privada na oferta da educação básica. Segundo Figueiró (1998 apud ROSEMBERG, 1985), a Igreja

Católica, com grande penetração no sistema educacional brasileiro, se destacou por inibir até a década de 1960 a entrada da Educação Sexual nas escolas do país. Victor Stawiarski atuou no MN até os anos de 1970, quando foi aposentado compulsoriamente após mais de três décadas dedicadas ao setor educativo. Faleceu no dia 7 de dezembro de 1979, aos 76 anos de idade.

Aulas e Cursos de Educação Sexual no Museu Nacional (1940-1970)

A partir de 1945, com o MN fechado para obras, a SEC passou a oferecer aulas de História Natural a alunos e professores mediante agendamento e, dentre elas, se destacavam as de Educação Sexual (SILVA, 1954). Mas o que teria levado Stawiarski a promover cursos e aulas com a referida temática no Museu Nacional? O professor cita várias motivações que vão desde a influência de dois museus estadunidenses que criaram salas destinadas ao tema após sucesso do filme *"The Birth of a Baby"* (1938), à presença de aspectos anatômicos, fisiológicos e embriológicos da reprodução nos vestibulares de acesso a determinados cursos superiores, o que levava candidatos a procurarem o Museu. Stawiarski cita, também, aspectos relacionados ao acervo da instituição e aos interesses dos visitantes. Considerando que parte importante do acervo exposto tinha ligação com o sexo, seria relevante para sua compreensão "conhecer bem a psicologia dos fenômenos sexuais". De acordo com Stawiarski, os esqueletos de fetos da exposição eram a maior atração popular e o interesse do público "pelos fenômenos da reprodução humana" eram maiores do que em relação a qualquer outro tema. Assim, por meio da apresentação de uma série "de óvulos humanos reais, nos diferentes meses de gestação", o setor educativo visava a complementar a exposição e a contribuir especialmente para as mães e a educação de seus filhos. Além disso, a atração pelas aulas sobre sexo estimulava a visita de outras salas do setor, com insetos, aranhas caranguejeiras em seus viveiros, dentre outros.

Stawiarski entendia que era função da educação sexual "fornecer uma consciência de respeito e naturalidade em relação ao sexo", mais do que informar (NASCIMENTO, 1968) e sua meta era a superação do "mito da cego-nha" por "uma educação que mostre às crianças com naturalidade, e sem falsos pudores, o fato natural do sexo" (BRAVO, 1955).

Os públicos da educação sexual no MN eram bastante diversificados e compostos tanto por visitantes espontâneos, pais e mães com seus filhos

e filhas, mães e filhas adolescentes, grupos de jovens por conta própria, adolescentes na companhia de professores, além de professores e professorandos que queriam motivar os alunos e lidar com o tema que não era discutido nos cursos normais à época (SILVA, 1954). O caráter amplo e diversificado fazia do Curso único em toda a América Latina e sem correlatos em partes da Europa e nos Estados Unidos e atraía uma multidão – chegando a mais de mil pessoas em um único domingo. Em um único dia, 222 estudantes de 3 escolas assistiram à uma de suas aulas (JEAN, 1956).

A atividade voltada para as mães era realizada com grupos de 15 a 20 pessoas, nas tardes de sábado e domingo. Já aquela voltada para grupos de visitação espontânea tinha início com a abordagem do público diante das vitrines com fetos e o convite para uma explicação mais completa, de aproximadamente 1h, acerca do “fenômeno bebê abrangendo óvulos humanos e anatomia feminina” (SILVA, 1954).

O curso para adolescentes ocorria de segunda a sexta, a tarde, contava com 8 aulas de 2h30min, chegava a receber 150 jovens (BRAVO, 1955, JEAN, 1956) e atraía escolas públicas e particulares, confessionais e laicas, da cidade e de outros Estados. As aulas ocorriam em uma sala própria, cuja porta possuía uma placa indicando ser aquele um espaço de educação sexual, acompanhada de outra que advertia “Se estiver interessado, entre...”. Nela existiam cartazes de educação sexual e com dizeres acerca da importância da mesma, fotografias nas paredes, artigos de jornais e revistas e vidros com fetos humanos de vários meses (BRAVO, 1955).

No Curso eram abordados aspectos anatômicos, fisiológicos, psicológicos, atividades normais e problemas sociais, buscando **“ligar o assunto com os dados da ciência natural, da biologia e da arte”** (JEAN, 1956), mas não havia programa de aulas a ser obedecido, pois segundo Stawiarski rapidamente “surgem perguntas interessantes por parte dos alunos” (BRAVO, 1955). Segundo Jean (1956) a primeira aula era orientada no sentido de “afastar a timidez, o falso pudor, os complexos” e alicerçar a educação sexual em “bases sadias e científicas”. Nesta, o foco era a “maravilha do binômio mãe-criança”. Já na aula seguinte ocorria a descrição da anatomia materna e se falava da vida sexual em “bases anatômicas e fisiológicas”, buscando “advertir sem moralizar” e “afastar inibições” e com o avançar do curso “as aulas poéticas iam se transformando em aulas científicas”. Na década de 1970, a linguagem adotada por Stawiarski na aula de 3h que ministrava para colégios é descrita como original e seu método como agressivo, partindo da evolução para chegar ao comportamento sexual (EDUCAÇÃO ..., 1972). Tudo era “esclarecido com estudo completo e prático[...] em bases

rigorosamente científicas [...] aspecto que afasta, completamente, qualquer sentido diferente que se queira dar a conhecimentos de ordem biológica” (UM FASCINANTE..., 1955). Assim, observamos um discurso biologizante ser utilizado para blindar as ações de possíveis pressões de fundo religioso.

A experiência de Stawiarski apontava para os benefícios do caráter misto dos grupos. Dentre as vantagens estavam não só a preferência dos estudantes, mas também o “valor educativo para as moças, ouvirem dos rapazes [...] sua opinião honesta e sincera sobre a significação da mão boba que compromete grave a moça” (SILVA, 1955). Apesar de defender a educação sexual das meninas juntamente com a dos meninos, observa-se uma assimetria entre os gêneros, inclusive pelo fato dos rapazes terem acesso livre às aulas, enquanto as moças menores de 16 anos delas só participavam mediante autorização dos pais (BRAVO, 1955).

A cobertura jornalística sinaliza que eram discutidos temas como homossexualidade, prostituição, virgindade das moças e sexo antes do casamento. Mulheres procuravam as aulas para tratar do “problema dos filhos” que não queriam ou não podiam ter e Stawiarski classifica o aborto como “crime” e “assassinato” (UM FASCINANTE..., 1950). Para ele, a parte mais difícil era ouvir os dramas sexuais de jovens e adultos de ambos os sexos e afirmou que os que condenavam a educação sexual deveriam estar presentes “para ouvir os males daqueles que foram criados num falso puritanismo.” (BRAVO, 1955)

Stawiarski enfrentou “lutas (...) desencadeadas por falsos moralistas” (BRAVO, 1955) e em 1956 viu suas aulas e os Cursos de Educação Sexual serem suspensos pouco após José Candido de Carvalho assumir a direção do MN (1955 a 1961). O relatório institucional daquele ano registra que 65 aulas de educação sexual foram ministradas entre 1 de fevereiro e 19 de julho e apresenta como justificativa para a suspensão das mesmas o fato delas, antes ministradas em caráter privado, terem assumido caráter de cursos oficiais, sendo prerrogativa da Universidade autorizar e fiscalizar ações dessa natureza em suas unidades (MUSEU NACIONAL, 1956). A interrupção foi denunciada pela imprensa, afirmando que “o público tem direito a explicações que justifiquem a atitude [...] e se não houver (...) à reabertura de cursos de utilidade pública, que ajudam a formar uma juventude mais sadia, consciente e feliz” (JEAN, 1956). O Curso seria retomado em 1962 (EDUCAÇÃO..., 1972), quando o MN ganha novo diretor, Newton Dias dos Santos (1961-1963), reforçando a hipótese de que o motivo da suspensão fora a “nova orientação do Museu” (JEAN, 1956) vigente na gestão de José Candido.

No fim de sua carreira, Stawiarski recebia menos críticas e mais convites para ministrar aulas de educação sexual (NASCIMENTO, 1968). Refletindo o momento mais favorável ao tema, encontrado a partir dos anos de 1960 (FIGUEIRÓ, 1998), ele afirmou “o que era malho agora bigorna: a educação sexual tem hoje luz verde” (EDUCAÇÃO...1972).

Considerações finais

Entre as décadas de 1920 e 1950, muitos educadores brasileiros se dividiram em relação ao local adequado para a promoção da educação sexual, se a família ou a escola (BASSALO, 2010). Enquanto isso, a partir dos anos de 1940, Stawiarski encontrou no MN, instituição de grande prestígio científico e educacional, espaço privilegiado e com maior autonomia para promover a educação sexual. Ali obteve boa repercussão na imprensa, números elevados de participantes, além de envolver tanto a família quanto as escolas, inclusive as católicas, que já nos anos de 1950 demandavam suas aulas (O FASCINANTE...,1951), mas somente após o Concílio Vaticano II (1961-1965) desenvolveriam programas de educação sexual (FIGUEIRÓ, 1998). Foram cerca de três décadas de promoção da educação sexual no MN, trabalho iniciado quando o cenário nacional era pouco favorável ao tema. A invisibilidade acadêmica do trabalho desenvolvido por Stawiarski aponta para a relevância de se ampliar a frequência com a qual o museu é tema de pesquisa no campo da Educação.

Agradecimentos e Apoios

A Luiz Claudio e à Luiza Stawiarski, respectivamente filho e nora de Victor Stawiarski, pelas enriquecedoras conversas e inestimável doação de itens biológicos da coleção particular do professor para a Coleção da Seção de Assistência ao Ensino (MN).

Referências

ASHWORTH, William B. Scientist of the Day - John Scopes. Disponível em: <https://www.lindahall.org/john-scopes/> Acesso em: 14 mar. 2020.

BASSALO, Lucélia de M. B. A Educação Sexual na Primeira metade do século XX no Brasil. In: 33a REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2010, Caxambu. 33a

Reunião Anual da Anped: Educação no Brasil: o balanço de uma década. Rio de Janeiro: ANPED, 2010.

BRAVO, Luiz. Na ante-sala do templo da História Natural. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 10 jul.1955. EDUCAÇÃO sexual – uma matéria de vida. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 nov. 1972. p.10.

FIGUEIRÓ, Mary N. D. Revendo a História da Educação Sexual no Brasil: ponto de partida para a construção de um novo rumo. *Nuances*, vol.4, set.1998.

FIORINI, Jéssica S. *Educação sexual nos anos iniciais do ensino fundamental: currículo e práticas de uma escola pública da cidade de Marília-SP*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Marília: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2016.

GOMES, Angela de C.; HANSEN, Patrícia S. (orgs). *Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

JEAN, Yvonne. 11 anos depois: fim do curso de educação sexual do Museu! *Última Hora*. Rio de Janeiro, ano 5, 14 dez. 1956, p.18, 1º Caderno.

MUSEU NACIONAL. Relatório apresentado ao Magnífico Reitor da Universidade do Brasil pelo Dr. José Candido de Melo Carvalho, ano de 1956. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1956.

NASCIMENTO, Damião. Por que Educação Sexual? *O Jornal*, Rio de Janeiro, 25 ago 1968.

O FASCINENTE Museu da Quinta da Boa Vista. *A Noite*, Rio de Janeiro, 16 jan.1951. Balanço Cultural, p.16.

PEREIRA, Zilene M. *Sexualidade e Gênero na Pesquisa e na Prática de Ensino em Biociências e Saúde*. 2014. Tese (Doutorado em Ciências) - Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, Fernando Dias da. A aula que não se deve perder. *O Mundo Ilustrado*. Rio de Janeiro, n.89, 20 nov. 1954, p.12-13;43.

STAWIARSKI, Victor. Das estantes do Museu Nacional. *Revista do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, n.3, abr.,1945, p.32.

UM FASCINANTE estudo da biologia. *A Noite*, Rio de Janeiro, 20 nov.1950.